

OS TECIDOS DA CRÍTICA
RESENHA DO LIVRO *A MAGIA DAS LETRAS AFRICANAS*, DE CARMEN
LÚCIA TINDÓ SECCO
THE FABRICS OF CRITICISM
REVIEW OF THE BOOK *THE MAGIC OF AFRICAN LETTERS*, BY CARMEN LÚCIA
TINDÓ SECCO

*João Victor Sanches da Matta Machado*¹

*Julia Goulart Silva*²

RESUMO

O texto é um convite à leitura do trabalho ensaístico da professora Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, reeditado em 2021 pela editora Kapulana. Convite que se realiza em resenha, gênero analítico talvez insuficiente para dar conta da costura crítica proposta pela autora em seus ensaios. Assim, assumimos que essa leitura toca pouco mais que a superfície da textura/tecitura que Secco nos (re)apresenta, cabendo ao leitor a responsabilidade de buscar sua profundidade no contato com o próprio livro. Partimos do diálogo proposto pela própria autora na apresentação para indicar como esse *pano* crítico, que se faz também arquivo/curadoria, é incontornável no campo da biblioteca crítica das literaturas de Angola e Moçambique.

Palavras-Chave: *Crítica Literária, Biblioteca Africana, Angola, Moçambique.*

ABSTRACT

The text is an invitation to read the essayistic work by Professor Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, now republished by Kapulana in 2021. An invitation that takes place in a review, an analytical genre perhaps insufficient to account for the critical seam proposed by the author in your essays. Thus, we assume that this reading touches little more than the texture/weaving surface that Secco re-presents to us, leaving the reader with the responsibility of seeking its real extension in contact with the book itself. We start from the dialogue proposed by the author herself

¹ Atualmente é doutorando do PPGLEV da F. Letras da UFRJ. Possui mestrado na área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Tem experiência e interesse em estudos de Literaturas Africanas e Geopolítica; com ênfase em Epistemologia; Nacionalismo; Teoria pós-colonial das Relações Internacionais. É membro do Laboratório de Interdisciplinar de Estudos em Relações Internacionais(Lieri) e do Laboratório Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE).

² É Doutoranda Letras Vernáculas da UFRJ. Seus estudos são voltados para literaturas de língua portuguesa, com ênfase nas literaturas africanas. Aprofunda-se em questões inerentes ao campo da poesia. Atualmente, seu trabalho é sobre a obra do autor angolano Ruy Duarte de Carvalho.

in the presentation to indicate how this critical framework, which is also archived/curated, is unavoidable in the field of the critical library of Angolan and Mozambican literature.

KEYWORDS: *Literary Criticism, African Library, Angola, Mozambique.*

O livro recentemente republicado pela editora Kapulana, *A magia das letras africanas: Angola e Moçambique*, é um conjunto de ensaios escritos pela professora e pesquisadora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco. Trata-se de um conjunto de leituras críticas sobre a prosa e a poesia de Angola e Moçambique que, mesmo fundadas no repertório temático plural da autora, assumem como objetivo comum costurar os sentidos com os quais a literatura transforma a linguagem. Esse objetivo fica claro no título que se mantém desde a publicação original dos ensaios em 2007, marcado pelo significado atribuído à arte de *magiar*, assim como pensada pela autora. Segundo suas palavras:

validando ainda mais a escolha do título que elegemos para nosso livro, encontramos nos dicionários outros sentidos para “magia”: “arte de magiar” (= “maginar”), “pensar”, “ruminar”, “cismar”, “devanear”, “imaginar”. A designação de nossa coletânea se explica, assim, polissemicamente, pois, se nossos ensaios, de um lado, trabalham com o encantamento da contação africana de estórias, com o animismo presente em representações míticas e religiosas do imaginário cultural africano recriadas pela literatura, de outro, oparem com “a arte de magiar” que implica o gozo da imaginação criadora inerente tanto às obras quanto à atividade crítica textual. (SECCO, 2021, p.15)

O trabalho de crítica é tematizado em duas partes distintas na obra *A magia das letras africanas: Angola e Moçambique*: “A magia do contar – o recontar da história pela ficção” e “A magia do canto – dispersas incursões pela poesia”. A primeira conta com ensaios referentes à prosa e a segunda referentes à poesia angolana e moçambicana – ambos os segmentos atualizados com trabalhos publicados desde a última edição. Ao nos debruçarmos sobre esses ensaios percebemos o desejo por uma sobreposição de cores e formas que nos permite pensar a estrutura da obra enquanto gesto de curadoria. O conjunto de ensaios foi escrito pela autora e reunido nessa edição revista, atualizada e ampliada pela editora Kapulana no ano de 2021. Não podemos deixar escapar o fato de que esses ensaios agora são publicados pela editora Kapulana. Isto é, do nome da editora para o tecido da Kapulana: pensemos um pouco no sentido histórico que esse pano assume

na cultura de Moçambique – um tecido carregado de memória e tradição que traz em suas estampas singulares um universo que é plural.

Fica evidente o gesto de curadoria intrínseco ao trabalho de construção do livro da Carmen Tindó que, estampado agora também sobre a Kapulana, torna-se um conjunto de leituras sobre autores e obras de diversos contextos em Angola e Moçambique. Os ensaios em si são repositório de memória, técnicas e propostas singulares de leitura que diversificam as composições de formas e sentidos entre autores diversos, seja pela leitura estrutural do texto, seja pela aproximação comparatista, seja pela inscrição da literatura em seu contexto material histórico. Mais do que uma coletânea de ensaios reunidos arbitrariamente, os textos dialogam entre si como temas de um pano estampado, pela editora Kapulana, as capulanas/ensaios de Secco são retiradas (languidamente e precisamente), a fim de revelar o corpo mágico das letras africanas.

Antes, porém, convém nos dedicarmos às epígrafes do livro. Neste tecer inicial do texto, encontramos nomes de estudiosos, teóricos e escritores, como Amadou Hampâté Bâ, Gaston Bachelard e Mia Couto. Fios-base de uma “tecitura” de palavras, que estarão presentes, por um movimento de agulha, atravessando o texto. Hampâté Bâ, no ensaio “Palavra africana”, discorre sobre a ideia da palavra africana encantada – material e têxtil – de filosofias, cosmogonias e epistemologias. Ideia rizomática que se presentifica nos ensaios da obra da professora, com o intuito de descosturar os fios das palavras literárias moçambicanas e angolanas. O fragmento de Gaston Bachelard diz-nos da imaginação intrínseca ao exercício de crítica literária da autora. Ler e analisar o texto é também recriá-lo por novas linhas e retalhos do pensamento de quem o faz. Nesse sentido, o trecho de Mia Couto ressalta outra característica geral da obra, ou seja, a inconformidade com o real advinda do gesto crítico de pensar o texto. A imaginação é capaz de questionar contextos literários, quando os costura à imagem da alcatifa coutiana. Epígrafes e citações que, ao lado de filósofos como Kwame Anthony Appiah e Pathé Diagne, contribuem para a qualidade filosófica, crítica e epistemológica, alcançada por Carmen Tindó Ribeiro Secco.

O corpus literário visitado pela autora é diverso, se constrói a partir da prosa que perdura por seu atributo de interlocução com a história, e da poesia que ressignifica a estética oral como meio de pensar uma poética própria. A interlocução temática dos ensaios selecionados para compor o livro indica um exercício de mergulho na matéria

literária preocupado com os indícios de oralidade presentes nos romances, contos e poemas. Esses indícios são abordados enquanto traços de um trabalho estético particular com a linguagem, assim como é evidenciado pela autora, Carmen Tindó Ribeiro Secco, quando lembra que o ato de magiciar com a palavra implica em um atributo de desejo para quem produz e para quem lê:

“A escrita é isso: a ciência das fruições da linguagem, o seu kamasutra”³. Essa escrita, entretanto, nada tem a ver com a dimensão meramente fonética de fonemas, palavras, sintagmas e frases, mas, sim, com as camadas submersas no discurso, onde emoção, melodia e gestualidade transformam o texto em local de manifestação do erotismo verbal intrínseco a toda enunciação literária. (SECCO, 2021, p.14)

O diálogo que a autora estabelece com o conceito de escritura do semiólogo francês Roland Barthes estabelece um laço entre o desejo do sujeito por uma inscrição da palavra a partir da vocalidade. A oralidade se torna um aspecto estrutural e estruturante do texto literário que permite o contato do leitor com a matéria literária. A percepção que a autora evidencia nessa apresentação do livro, com a relação ao seu contato com o texto literário, já é um convite a nós leitores de assumirmos a mesma postura frente ao tecido costurado pelo seu trabalho de curadoria. A partir disso, fica evidente como a realização desses ensaios se faz a partir de uma relação de prazer com o texto, prazer tanto de escrita quanto de leitura, que remete diretamente à imagem barthesiana:

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. (BARTHES, 2006, p. 82)

Pelos textos de prosa somos convidados a pensar como a figura do narrador, nos contextos estudados, pode integrar uma experiência tradicional, imersa na cultura oral. Porém essa representação, quando abordada pela autora, propõe uma edificação das tradições africanas, pois a partir dela pensa um trabalho não só de resgate, mas também

³ Ver Roland Barthes (2006, p.11).

de invenção da memória coletiva. Um dos exemplos latentes dessa postura crítica fica evidente através da metáfora presente no ensaio “Paulina Chiziane e o tear crítico de sua ficção”. Inserido nessa nova edição, o ensaio deixa evidente que o gesto de Secco sobre os tecidos literário permaneceu sendo o de prescrutar seus temas e deixar que eles mesmos falem por si, trazendo do próprio texto literário suas implicações críticas. Seu olhar, portanto, não se apresenta como determinante de modelos universais de leitura, pois se trata de uma perspectiva que transita pela matéria literária convidando o leitor a seguir os temas cuidadosamente estampados no tecido narrativo.

Através dos poemas estudados nos ensaios somos convidados a repensar a valorização estética particular presente nas tradições marcadas pela oralidade. Essa estética encontra-se a serviço do esforço de ensaiar uma poética própria, partindo do trabalho com a palavra e da inserção do sujeito poético em seu contexto cultural. Em vez de estruturar um sistema universal de representação, o trabalho com a linguagem, assim como desvelado pela autora, indica como a oralidade é uma ferramenta particular a ser operada por cada sujeito poético. Elemento que fica ainda mais evidente nos dois textos inseridos na segunda parte dessa nova edição: *E agora Rui?* e *Noêmia de Souza, grande dama da poesia moçambicana*. Ambos os textos imprimem a multiplicidade de métodos empenhados em tecer os fios que compõem o pano crítico de Carmen Secco. O primeiro texto realiza um mergulho de caráter intimista na poética de Rui Knopfli, reconhecendo no trabalho metapoético do autor o indício de uma leitura subjetivista. A leitura de Secco é sustentada no trabalho com a linguagem realizado pelo poeta sem deixar de colocar em perspectiva o exercício de citação que explodia a arte poética do autor através diálogo de caráter cosmopolita. No segundo ensaio a poética de Noêmia de Souza é tensionada entre sua função social/histórica de incontestável relevância – representação da cultura moçambicana pelo intercâmbio enunciativo das vozes que convocavam à superação das colonialidades no mundo todo –, e a impressão da oralidade como marca escritural de sua experiência enquanto moçambicana, voz que ecoa da Mafalala e do mundo.

O resultado da sobreposição de discursos, ideias, temas e contextos de produção literária costurados nas malhas críticas da autora tem valor não somente pela categorização de um arquivo das literaturas em Angola e Moçambique, mas também pela proposta plural de métodos de leitura que colocam o texto literário como objeto primeiro de análise crítica. Os ensaios, portanto, apontam para um conjunto de vozes que ressoam

questões sobre a tradição, a identidade, a memória, a História e o próprio fazer literário. A leitura promovida por Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco permanece contemporânea pela consciência de se afastar dos pressupostos universalistas em torno das experiências ou literaturas tidas como periféricas. Suas leituras promovem a defesa do mergulho na matéria literária como pressuposto incontornável no trabalho crítico de leitura de textos de prosa e poesia, seja pela valorização das culturas africanas, seja pela inserção dessas vozes em um contexto cosmopolita de produção literária.

Referências:

BARTHES, Roland. **O Prazer do texto**. Trad: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A magia das letras africanas: Angola e Moçambique**. São Paulo: Kapulana, 2021.